

Flávia Thiesen é a presidente da Sbtox



Flávia Valladão Thiesen

A farmacêutica-bioquímica Flávia Valladão Thiesen é a nova presidente da Sociedade Brasileira de Toxicologia (Sbtox). Ela foi eleita, durante o XII Congresso Brasileiro de Toxicologia, realizado, em Porto Alegre, em novembro de 2001, e ocupará o cargo, no biênio 2002-2003. Flávia é professora da Faculdade de Farmácia e do Instituto de Toxicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A nova diretoria da entidade, encabeçada pela farmacêutica gaúcha, tem, entre as suas prioridades, ampliar o número de sócios e criar um canal de comunicação entre a categoria.

A Sociedade Brasileira de Toxicologia reúne especialistas da área e integra a *International Society of Toxicology* (Iutox), o organismo internacional que representa as principais associações mundiais. A Sbtox tem,

entre os seus objetivos, buscar o desenvolvimento do conhecimento nesta ciência, através de da promoção e apoio a diversas atividades científicas. Também, por meio da publicação da "Revista Brasileira de Toxicologia" e da realização do Congresso Brasileiro de Toxicologia, maior e mais importante encontro nacional do setor, realizado, a cada dois anos.

Aumentar o número de sócios e a circulação da "Revista Brasileira de Toxicologia" estão entre as metas da nova diretoria. A revista é uma publicação oficial da Sbtox e está indexada no LILACS e *Excerpta Medica Abstract Journals*. Através da *home page* <www.sbtox.org>, a entidade pretende estabelecer um canal para que os sócios apresentem sugestões que norteiem as ações comuns.

A professora Flávia Thiesen acredita que estas medidas a serem adotadas "irão tornar a Sbtox ainda mais representativa das atividades ligadas à toxicologia, proporcionar a

cooperação entre os toxicologistas brasileiros e promover a aquisição, disseminação e uso do conhecimento gerado".

Além de presidente da Sociedade Brasileira de Toxicologia, Flávia Thiesen desenvolve pesquisa para avaliar a exposição de crianças e adolescentes de rua ao uso abusivo de inalantes, em Porto Alegre. O trabalho faz parte de seu doutorado em Psicobiologia e tem por objetivos avaliar a saúde dos usuários de inalantes à base de tolueno e investigar parâmetros laboratoriais que possam vir a caracterizar a exposição intencional a este solvente, segundo ela própria, amplamente empregado, de forma abusiva, no Rio Grande do Sul.

A nova diretoria da Sbtox reúne ainda os seguintes integrantes: Nilda A.G.G. de Fericola (vice-presidente), Lígia V.G. Fruchtingarten (secretária geral), Mônica M. Bastos Paoliello (primeira secretária), Eduardo Mello De Capitani (segundo secretário), Ovandir Alves Silva (primeiro tesoureiro), Rosane Michelon (segundo tesoureiro).

Farmácia hospitalar: os desafios de um farmacêutico pioneiro

O farmacêutico Clóvis Lorena Cavalcanti Pedroso, conselheiro federal de Farmácia por Alagoas, está vivendo um de seus maiores desafios profissionais. Há apenas quatro meses trabalhando na Unidade de Emergência (UE) Dr. Armando Lages, em Maceió, Clóvis trouxe a si a responsabilidade de fazer aquilo que aquela Casa jamais teve, nos mais de 30 anos de sua criação: uma farmácia hospitalar. Mas o pioneirismo, no que tem de desafiador e trabalhoso, tem também de prazeroso. Nesse pouco tempo, o farmacêutico já conseguiu proezas. Primeiro, está dando uma identidade à farmácia, com a sua presença no local (ele é o primeiro farmacêutico a atuar, ali). Segundo, está assentando a unidade em local adequado, pois a farmácia era algo disperso, disforme, com medicamentos esparramados aleatoriamente por várias salas, algumas inapropriadas para o abrigo dos produtos.

"Isso é só o começo", anuncia Clóvis Lorena, cuja primeira providência, ao assumir a função, foi levar o farmacêutico hospitalar gaúcho Josué Schostack para fazer um diagnóstico da Unidade de Emergência. As próximas etapas serão padronização de medicamentos e corelatos, a preparação de nutrição parenteral e enteral, e a distribuição de medica-



Clóvis Lorena

mento por dose unitária. O farmacêutico disse ter pressa para ver a farmácia hospitalar funcionando, já dentro de parâmetros modernos do setor.

Para por em prática o que está planejando, Lorena diz estar recebendo total apoio do diretor geral do hospital, Marcus Sampaio, e da diretora administrativa e financeira, Rejane Calheiros.

Também, do secretário de Saúde do Estado, Álvaro Machado. "Ele tem uma sensibilidade enorme e está revolucionando a saúde pública alagoana", diz o farmacêutico. Prevê que, através de recursos estaduais e do Reforsus/Ministério da Saúde, a Unidade de Emergência irá transformar-se em um dos maiores centros do gênero do País.

A maior necessidade de Clóvis Lorena para por em prática alguns dos seus projetos, hoje, é a contratação de farmacêuticos, pois ele está sozinho na EU. Mesmo assim, já conseguiu reduzir os gastos com medicamentos psicotrópicos e entorpecentes em cerca de 20%. Acha que pode baixar bem mais ainda esse percentual. E já iniciou o controle de gastos com medicamentos clínicos. "Os resultados do trabalho são animadores e têm me estimulado muito", informa o pioneiro. A UE tem 139 leitos e atende diariamente a uma média de 400 pacientes. Com o projeto de modernização que está em curso, a Unidade vai atender a cerca de 1000 pessoas, por dia.

Manipulação amplia participação no mercado



Segmento registrou crescimento de 40%, nos últimos quatro anos. A estimativa é encerrar 2002 com faturamento de US\$ 560 milhões

As farmácias de manipulação estão registrando um sólido crescimento no mercado nacional de medicamentos. Somente em 2001, faturou US\$ 511 milhões. Nos últimos quatro anos, os números são ainda mais expressivos: um crescimento de 40%. Para 2002, a perspectiva é anima-

dora: faturamento de US\$ 560 milhões, o que corresponde a 8% do faturamento do mercado farmacêutico, que gira em torno de US\$ 7 bilhões.

O número de farmácias também aumentou. Em 1998, eram 3.100 unidades, no País. A previsão é encerrar 2002 com 5.200 estabelecimentos. A oferta de vagas para farmacêuticos também está acompanhando o mesmo ritmo. Para se ter uma idéia, em 1998, as farmácias de manipulação empregavam 8.710. Hoje, são cerca de 14.560 farmacêuticos, um aumento de 41%.

A confiabilidade e a qualidade por parte da classe médica e dos consumidores são os principais fatores que estão impulsionando o setor. “Hoje, conquistamos uma aceitação maior do mercado, porque conseguimos demonstrar que remédios manipulados são seguros, têm qualidade e são feitos de acordo com as características do paciente, ou seja, personalizados. As farmácias de manipulação oferecem também produtos que não são mais encontrados nos estabelecimentos convencionais”, explica Evandro Tokarski, presidente da Anfarmag (Associação Nacional de Farmacêuticos Magistrais).

Outro fator que vem impulsionando o setor é o preço final. Remédios manipulados podem ser encontrados com valores abaixo dos praticados no mercado. A dosagem também pode ser ajustada, ou seja, o consumidor só compra a quantidade exata que irá utilizar. “As farmácias de manipulação estão amplamente qualificadas para manipular medicamentos para qualquer especialidade médica e não somente os dermatológicos”, diz Evandro.

Frutas brasileiras viram medicamentos



FOTO: Mica Assis/Imagem

Além de apreciadas pelo sabor, a goiaba vermelha (*Psidium guajava L.*), o caju-roxo (*Anacardium occidentale*) e a romã (*Punica granatum*) vão ter outras finalidades. Ricas em polifenóis, principalmente taninos e flavonóides, substâncias com ação comprovada contra fungos, bactérias e leveduras, como a *Candida albicans*, causadora da candidíase, elas vão virar medicamento. O Grupo de Estudo Multidisciplinar em Plantas Medicinais, da

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), criou quatro produtos à base das substâncias encontradas nas frutas, os quais podem ser usados em pacientes imunodeprimidos (sob o efeito do HIV, causador da Aids, ou da quimioterapia), contra placas bacterianas e na prevenção da acne. Os produtos são um creme dental, gel dental (para usar na gengiva), creme tópico e gel tópico (para a pele). A informação foi publicada na revista da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), em março.

A UFPB vem desenvolvendo, há anos, um trabalho brilhante com plantas antifúngicas. Na edição de número 20 da PHARMACIA BRASILEIRA, noticiamos o fato de uma pesquisa, desenvolvida naquela Universidade, sobre a atividade antifúngica de óleos essenciais obtidos de plantas medicinais ter ganho o XVI Prêmio Jovem Cientista Brasileiro – Categoria Estudantes.

O tema do Prêmio daquele ano havia sido “Saúde da população – controle da

infecção hospitalar”. O “Jovem Cientista” é patrocinado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia, com o apoio da Fundação Roberto Marinho e do Grupo Gerdau. A autora da pesquisa vencedora foi Nilma Maria Porto de Farias, à época, estudante do quinto período de Medicina da UFPB. Ela teve como orientadora a farmacêutica e professora doutora Edeltrudes de Oliveira Lima, da disciplina Micologia, do Departamento de Ciências Farmacêuticas/Centro de Ciências da Saúde, da Universidade.

A pesquisa de Nilma levou o título de “Atividade Antifúngica de Óleos Essenciais Obtidos de Plantas Medicinais contra Leveduras do Gênero *Cândida*: Uma Alternativa ao Controle de Infecção Hospitalar”. Para realizar a sua pesquisa, a estudante de Medicina selecionou 20 amostras do gênero *cândida*, que foram obtidas de infecções superficiais de peles e mucosas e de infecções profundas. Nilma selecionou quatro plantas para extrair delas o óleo essencial. As plantas são capim-santo, boldo, pitanga e araticum panã.

Bulas: quanta desinformação



Uma pesquisa realizada, em Brasília, há dois anos, revelou que a maioria das bulas (as que foram estudadas) trazia um grave problema: informações insuficientes. O resultado da pesquisa foi publicada, em março, na “Revista de Saúde Pública” (volume 36, número 1, [site www.scielo.br/rsp](http://www.scielo.br/rsp)), da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Foram analisadas, por amostragem, 168 bulas de 41 fármacos pertencentes à Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME). Das 168 bulas estudadas, 91,4% apresentaram insuficiência de informações ao paciente e 97% eram in-

completas, do ponto de vista das informações técnicas. “Quanto à parte reservada a informações ao paciente, a maioria delas trazia informações incompletas, como frases feitas que nada informavam ao consumidor”, diz Silmara de Almeida Gonçalves, farmacêutica-bioquímica que realizou o trabalho com outras três pesquisadoras. No item sobre reações adversas ao paciente, por exemplo, muitas bulas se limitaram a dizer apenas “Informe ao médico o aparecimento de reações desagradáveis”. Entretanto, deixaram de informar quais as mais importantes delas, por frequência ou gravidade. A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) deverá publicar uma nova normatização, alterando os textos das bulas de medicamentos.

Esterilizadores UVC podem melhorar ambientes hospitalar e farmacêutico

Uma empresa de Ribeirão Preto (SP), a Sibrape UVC, desenvolveu e fabricou equipamentos para a esterilização de água e ar com a tecnologia UVC – raios ultravioleta da Banda C -, que eliminam microorganismos.

Segundo a empresa, os equipamentos são produzidos com lâmpadas especiais e tubos de quartzo e oferece um controle “preciso” dos feixes de luz UVC. Para entender melhor, a empresa garante que os raios ultravioletas destroem totalmente os microorganismos nocivos à saúde presentes na água e no ar. Os equipamentos, acrescenta, são ideais para locais onde a qualidade da água e do ar é fundamental, como hospitais, clínicas médicas e odontológicas, farmácias de manipulação, laboratórios, indústrias de alimentação e bebidas, ambientes públicos servidos por centrais de ar condicionado, enfim, locais que precisam seguir à risca os procedimentos de biossegurança.

Os esterilizadores possuem dois ventiladores, uma para sucção e outro para exaustão, e foi planejado para que o ar gire por todo o ambiente e elimine os chamados pontos de residência bacteriológica. “Os equipamentos Sibrape.UVC possuem sensores que monitoram o comprimento das ondas e *timer* para programar o horário de funcionamento, o que garante ainda mais a segurança e a eficácia da esterilização”, afirma Marcelo Sorriilha, diretor comercial da empresa. Mais informações estão no [site <www.sibrapeuvc.com.br>](http://www.sibrapeuvc.com.br)



O desafio das

Os cientistas estão preocupados com o crescente número de bactérias resistentes a antibióticos. O caso da criança com leucemia, internada, no ano passado, no Hospital São Paulo, com uma infecção urinária de difícil controle, mostra bem o poder devastador desses micróbios. A criança, apesar das doses altas dos medicamentos que tomou, foi vencida pela bactéria. Meses depois, os pesquisadores encontraram uma resposta para a sua morte. Segundo eles, a bactéria responsável pela infecção, a *Pseudomonas aeruginosa* (*P. aeruginosa*), carregava

O desafio das superbactérias (II)

O número 20 da revista PHARMACIA BRASILEIRA (maio/junho de 2002) já havia abordado o grave problema da resistência bacteriana em uma ampla matéria, com entrevistas com especialistas da Universidade de São Paulo, como a professora doutora Elsa Mami-zuka, farmacêutica, docente da disciplina de Microbiologia Clínica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do projeto de pesquisa de bactérias resistentes à vancomicina.

À época, falávamos que a Organização Mundial de Saúde, por conta disso, havia anunciado a intenção de adotar, pelo mundo afora, uma política de criação de laboratórios de grande tecnologia e alta segurança. A finalidade dos laboratórios seria investigar doenças com alto poder de letalidade, que também sejam candidatas a causadoras de pandemias.

“A idéia de catástrofes biológicas tem esta-

do relacionada a doenças descobertas, recentemente. Elas carregam uma aura de medo e suscitam dúvidas. Muitas vezes, o perigo está mais perto do que se imagina”, dizíamos, naquela matéria. Só no Brasil, foram descobertas duas linhagens de bactérias capazes de provocar grandes estragos. Uma delas, uma cepa da bactéria *enterococo*, adquiriu resistência à vancomicina, o antibiótico mais potente, até o momento, e última opção de combate a esse microorganismo.

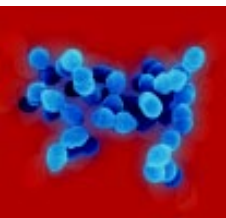
Pior ainda é que, surpreendentemente, essa cepa do *enterococo*, batizada pelos cientistas de *VanA*, resistiu até a uma nova droga produzida para derrotá-la e que nem sequer foi lançada ao mercado farmacêutico. Ou seja, o fármaco, que nem ganhou um nome de marca, ficou defasado, antes mesmo de chegar às farmácias.

O outro caso brasileiro diz respeito a uma cepa da *Staphylococcus aureus*, bactéria causadora de inúmeras infecções hospitalares, também resistente à

superbactérias (I)

uma mutação que a tornava resistente a todas as drogas.

Volta e meia, infectologistas registram a ocorrência de novos microrganismos que não respondem a antibióticos. Há um alvoroço entre os pesquisadores. O caso da *Pseudomonas* encontrada, no Hospital São Paulo, trouxe mais novidades – e preocupação – às ocorrências. É que, além de uma capacidade de se proteger nunca vista, a *P.aeruginosa* analisada poderia repassar a outros tipos de bactérias o seu mecanismo de proteção. (O jornal “O Estado de S. Paulo”, de 23 de abril, trouxe matéria sobre o fato.



vancomicina e que nunca havia sido identificada, na América Latina.

O curioso é que todas essas bactérias sempre existiram e continuarão a existir, como também sempre apresenta-

ram mutações. Algumas, em cepas, dizimaram populações, há muitos anos. O que se pergunta é o seguinte: hoje, com o portentoso e avançadíssimo mundo científico-tecnológico, a humanidade tem o que temer com o avanço das velhas bactérias? Esgotaram-se as possibilidades antibacterianas? Não estaria havendo um abuso na prescrição de antibióticos?

O desafio das superbactérias (III)

Não é nenhuma novidade cientistas aventarem a possibilidade de existir uma relação entre o aparecimento de bactérias multi-resistentes e o uso de antibióticos em ração animal. Agora, a Universidade de Maryland e o Centro Médico em Baltimore buscam dar uma última palavra sobre essa relação. Cientistas dessas Casas desenvolveram um modelo matemático que estima o impacto do uso simultâneo entre animais e humanos. O estudo demonstra que o uso de antibiótico na população torna inevitável o aparecimento de bactérias super-resistentes, ao longo dos anos, processo acelerado pelo uso dessas drogas em animais, seja em rações para acelerar o crescimento, seja para tratamento. “O Estado de S. Paulo” deu matéria sobre o assunto, no dia 23 de abril)



Foto: iStockphoto

Medicamentos: Idum informa que aumento foi de 300% no Real

O Instituto Brasileiro de Defesa dos Usuários de Medicamentos (Idum), dirigido pelo farmacêutico Antônio Barbosa, que também preside o Conselho Regional de Farmácia do Distrito Federal, divulgou, no dia 22 de abril, o resultado de uma pesquisa que realizou, segundo a qual os preços dos medicamentos tiveram aumento de até 300%, durante o Plano Real (entre 1994 e 2002). Esse percentual é maior que a inflação calculada pelo Índice Na-

cional de Preços ao Consumidor (INPC). Entre julho de 1994 e abril 2002, a inflação acumulou alta de 117,3143%. Segundo o Idum, o aumento médio dos medicamentos foi de 132,83%, mas, em vários itens, a variação chegou a 300%. Seis mil medicamentos tiveram a elevação dos seus preços verificada, mas o Idum destacou os 300 mais vendidos.



Antônio Barbosa

Abifarma nega aumento de 300%



Ciro Mortella

IBGE e o IPC da Fipe USP, mostram exatamente o contrário. “Assim, tomando-se o período de julho de 1994 a março de 2002, verifica-se que o IPA (Índice de Preços no Atacado) do IBGE registrou um aumento de 176,62% e o de medicamen-

O presidente da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica (Abifarma), Ciro Mortella, em um e-mail enviado à PHARMACIA BRASILEIRA, informa que os índices, como o IPA do

tos, nesse conceito, subiu apenas 134,8%”, explica Mortella.

Ele acrescenta: “Tomando-se um índice que mede variação para o consumidor, verifica-se que o IPC-FIPE-USP variou 102,32%, o de medicamentos medido pela mesma metodologia cresceu apenas 96,9%”. O presidente da Abifarma lembra que os preços dos medicamentos estão sob controle da Câmara de Medicamentos, há mais de um ano, sendo os únicos produtos congelados por força de lei no País. Ciro Mortella, em seu contra-argumento, acrescenta que, no ano passado, o IPCA do IBGE acusou variação de 7,67%, enquanto os medicamentos variaram 1,69%, segundo o mesmo índice.

Brasil vai fabricar vacina contra varíola

O Governo brasileiro, através da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), vai retomar a produção da vacina contra varíola, este ano. O bioterrorismo é o motivo dessa política. A preocupação é de que ações terroristas venham provocar uma epidemia mundial da doença, erradicada, desde 1980, em todo o mundo. O Brasil e os Estados Unidos serão os únicos países a fabricar o imunizante. Segundo estimativas do Ministério da Saúde, o País terá um estoque de cerca de 3 milhões de doses da vacina prontas para uso, até meados do segundo semestre deste ano, e 30 milhões de doses do concentrado viral,



que pode ser transformado em vacina, rapidamente. A vacina será a mesma usada, até a década de 1970. Faz sentido tanta precaução. A varíola é uma doença infecto-contagiosa de fácil disseminação. Ela é causada pelo *Orthopoxvirus variolae*, um vírus altamente resistente a variações de temperatura. Notícias sobre o assunto foram publicadas na revista Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo)

Católica de Campo Grande vai produzir medicamentos

Um investimento de, pelo menos, R\$ 2 milhões, além de recursos para compra de equipamentos, faz parte do esforço da Universidade Católica Bom Bosco (UCDB) para iniciar, ainda neste semestre, a obra física de uma indústria farmacêutica, em Campo Grande (MS). Os medicamentos produzidos de-

vem chegar ao mercado, em 2004. Antes disso, será feito um levantamento epidemiológico junto aos hospitais e aos ambulatórios, com o objetivo de se identificar quais os medicamentos mais consumidos e as doenças mais prevalentes, no Estado. A data para início da construção ainda depende de autorização da Agência Nacional

de Vigilância Sanitária (Anvisa). A coordenadora da Faculdade de Farmácia da Universidade, Alessandra Gutierrez de Oliveira, informou que, inicialmente, a Católica cogitou de criar uma estrutura para servir de laboratório, mas depois optou pela indústria, porque o Estado precisa de uma destinada à produção de medicamentos. O jornal "Gazeta Mercantil"/Centro-Oeste publicou matéria sobre o assunto, no dia 23 de abril.

Faculdade de Farmácia analisa lanches de Presidente Prudente



FOTO: A. Macchiarini

A Faculdade de Farmácia de Presidente Prudente, da Universidade do Oeste Paulista (Unoes-te), firmou um convênio com a Secretaria Municipal de Saúde, com a finalidade de verificar a higiene e a qualidade dos lanches comercializados na cidade, para garantir a saúde dos consumidores. "Muitas vezes, as pessoas se preocupam com o preço e o sabor do lanche, mas não observam as condições de preparo dos sanduíches", comenta Décio Gomes Oliveira, coordenador da Faculdade de Farmácia.

Após a coleta de lanches em pontos de venda estratégicos de Prudente, será realizada a avaliação de eventual contaminação microbiológica dos produtos. As visitas aos postos de venda serão feitas regularmente, todas as semanas, e os pontos estratégicos serão escolhidos, aleatoriamente. Em seguida, pretende-se estender essa atividade a outros ramos do comércio de gêneros alimentícios. A primeira abordagem foi realizada, no dia 18 de abril, em Prudente.

Cientistas da UFRJ avançam no tratamento do Alzheimer

Notícias alvissareiras sobre o tratamento do mal de Alzheimer: pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) deram um passo importante rumo a um tratamento capaz de eliminar as causas da doença degenerativa do cérebro que afeta 1,2 milhão de brasileiros. Conseguiram romper as placas que causam a doença no cérebro de ratos, usando uma substância - o beta-amilóide - que, a longo prazo, pode ser a base para novos medicamentos. O beta-amilóide é um peptídeo - um pedaço de proteína - produzido por um erro de processamento na membrana dos neurônios (as cé-

lulas nervosas). A molécula pirata, solta entre as células, causa estrago, pois tende a se juntar em aglomerados altamente tóxicos, que matam os neurônios e, depois de vários anos, o próprio doente.

Segundo o coordenador do estudo, Sérgio Teixeira Ferreira, do Departamento de Bioquímica da Universidade, a intenção era encontrar uma maneira de inibir a agregação do beta-amilóide. Os pesquisadores, então, começaram a testar compostos orgânicos conhecidos como nitrofenóis. O "Jornal do Commercio", de 25 de abril, traz matéria sobre o assunto.

Laboratório pesquisa medicamento para combater Alzheimer e Parkinson

O laboratório farmacêutico alemão Boehringer Ingelheim assinou um acordo com a NeuroSearch, companhia farmacêutica internacional, com sede na Dinamarca, para o desenvolvimento de um medicamento para combater a doença de Alzheimer e o Mal de Parkinson, que está sendo chamado de NS2330. O estudo clínico inicial em fase IIa do NS2330 com pacientes portadores da doença de Alzheimer rendeu resultados muito positivos, proporcionando uma melhora significativa da habilidade de atenção, de armazenar e

Saúde cria centros de atenção psicossocial para dependentes químicos

O ministro da Saúde, Barjas Negri, assinou, no final de abril, portaria que cria o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada a Usuários de Álcool e outras drogas. O objetivo é implantar, gradualmente, em todo o País, centros de atenção psicossocial (Caps), que ofereçam serviços extra-hospitalares para dependentes químicos.

Neste ano, o Governo Federal vai investir R\$ 21 milhões na implantação e manutenção dessas unidades. Inicialmente, serão instalados 60 centros nas capitais e municípios com mais de 300 mil habitantes.



recordar a informação e a velocidade do acesso a acontecimentos já armazenados na memória. Um estudo principal da fase IIB em pacientes da doença de Alzheimer está programado para 2002.

A droga pesquisada tem um mecanismo de ação exclusiva. Sua fórmula potencializa a função dos neurotransmissores acetilcolina, noradrenali-

na e dopamina, cujas concentrações no Sistema Nervoso Central estão alteradas nos pacientes portadores destas doenças. Com relação à doença de Parkinson, estão sendo realizados pré-testes clínicos *in-house* e externos com o NS2330. O medicamento, informa o laboratório, vem demonstrando importantes vantagens em relação aos tratamentos existentes. O próximo passo será a fase II do estudo do medicamento em portadores desta doença.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que mais de 29 milhões de pessoas, no mundo, sofram de demência. A metade delas é portadora da doença de Alzheimer. A previsão é que, a cada cinco anos, pacientes acima dos 65 dobrem suas chances de desenvolver a doença, sendo que, após os 85 anos, esta possibilidade é de 20%. Hoje, existem, no Brasil, cerca de 15 milhões de pessoas com idade acima dos 60 anos e calcula-se que, nos próximos 20 anos, este número deverá dobrar.

A doença de Parkinson é caracterizada por uma deterioração progressiva das habilidades motoras. Segundo a OMS, o número de pacientes da doença de Parkinson, no mundo, é de 4 milhões, e no Brasil, embora não existam estatísticas, estima-se que haja cerca de 200 mil portadores da doença.

Fonte: Account Executive Ketchum Estratégia.
(55-11) 5096-4334 ext. 244

O ministro assina também 11 protocolos de cooperação técnica com instituições formadoras, como a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e outras para capacitação dos profissionais que atuarão nesses serviços. Serão destinados R\$ 1,89 milhão para os convênios de capacitação.

Caps - Os Centros de Atenção Psicossocial para Usuários de Álcool e outras Drogas prestarão assistência terapêutica (medicamentosa e psicológica) aos dependentes e seus familiares. Além desses serviços, haverá atividades comunitárias, orientação profissional e desintoxicação, quando necessário.

Mais informações podem ser obtidas junto à Assessoria de Imprensa do Ministério da Saúde, nos telefones (61)315-2005/2748/2784 ou pelo fax (61) 225-7338. O e-mail é <imprensa@saude.gov.br>

Dia nacional do Medicamento Genérico



O Dia Nacional do Medicamento Genérico foi comemorado, em 20 de maio, em São Paulo e em outras 20 capitais do Brasil. O objetivo foi promover o genérico junto à população, além de registrar o segundo ano da introdução e o notável crescimento dessa classe de medicamentos, no País. O Grupo Pró Genéricos é uma das entidades que coordenam a iniciativa, que conta também com o apoio e a participação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), ligada ao Ministério da Saúde, do Conselho Federal de Farmácia, do Conselho Federal de Medicina, da Associação Médica Brasileira, Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, da maioria dos Conselhos Regionais de Farmácia de outros estados, de entidades do varejo e da indústria de medicamentos, como a Abrafarma, ABCFarma, Sindusfarma e outras. Entre os patrocinadores, além do Grupo Pró Genéricos e o Ministério da Saúde, estão a companhia aérea TAM e a agência de turismo Overseas. O *site* do Grupo Pró Genérico é <www.progenericos.org.br>.

Organização Médicos Sem Fronteiras denuncia: indústrias não se interessam em fabricar medicamentos para doenças de países pobres

FOTO: Rio Noticiário



A organização Médicos Sem Fronteiras (MSF) lançou, na Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no dia dois de maio, a versão em português do documento “Desequilíbrio Fatal - A Crise em Pesquisa e Desenvolvimento de Drogas para Doenças Negligenciadas”, que traz uma informação, no mínimo, preocupante. Segundo o documento, que foi lançado em inglês, em outubro, parte considerável das populações de países pobres morre, porque a indústria farmacêutica não tem o menor interesse em investir em pesquisa e desenvolvimento de medicamen-

tos para doenças consideradas pouco atraentes, comercialmente. De acordo com o documento, apenas 10% das pesquisas em saúde, no mundo, são dedicadas a 90% das doenças. As doenças consideradas negligenciadas são as que atingem prioritariamente países pobres, como a malária e a tuberculose. Há ainda as consideradas “extremamente negligenciadas”, que não são registradas em países ricos, como doença de Chagas, leishmaniose e dengue. Representantes da organização MSF encontraram-se com o presidente da Fiocruz, Paulo Buss, com o objetivo de discutir a criação de um organismo internacional que possa alterar essa situação. O principal tema da conversa foi a produção de novos medicamentos para as doenças extremamente negligenciadas. O jornal “O Estado de São Paulo” também trouxe matéria sobre o assunto, no dia três de maio.

“Drogas do bem-estar elevam lucro dos laboratórios”

Uma matéria publicada no jornal “Gazeta Mercantil”, de 24 de abril, diz que remédios para emagrecimento, controle da calvície ou disfunção erétil indicam o novo padrão de rentabilidade da indústria farmacêutica. Segundo a matéria, a obesidade, tabagismo, calvície, disfunção erétil e envelhecimento são sinônimos de venda e lucro para a indústria farmacêutica. “Os laboratórios perceberam que os consumidores - ou grande parte deles - estão dispostos a pagar mais, bem mais, para recuperar seus fios de cabelo, ou perder alguns quilos, em um prazo curto, por exemplo, do que para se curar de uma infecção”, diz a matéria.

Continua a matéria: “A percepção do benefício, no primeiro caso, parece mais nítida e capaz de justificar desembolsos maiores do que no segundo. É a



FOTO: Rio Noticiário

diferença entre o prazer e a obrigação. A indústria cobra caro para proporcionar algum alívio psicológico para os usuários dessas drogas do bem-estar. A venda de medicamentos que não exatamente curam, mas melhoram a qualidade de vida, chamados nos Estados Unidos de “lifestyle drugs”, tem proporcionado os maiores ganhos unitários, entre os produtos distribuídos no varejo, à indústria farmacêutica, no Brasil. Foi assim no ano passado”, diz a “Gazeta Mercantil”.

Para resfriados? Vinho



Uma a duas taças de vinho pode ajudar a prevenir resfriados. Essa nova faceta da bebida (ela já é conhecida por seus benefícios ao coração) que, há milhares de anos, encanta o homem, é resultado de pesquisa realizada, na Espanha. O coordenador do estudo, Bahi Takkouche, da Universidade de Santiago de Compostela, disse estar impressionado com os resultados da pesquisa.